A caixa de sapatos na internet: estudo da apresentação da obra do Cia de Foto[1]

Vitor José Braga Mota Gomes[2]
Universidade Federal da Bahia

Resumo:
O presente artigo tem como objetivo abordar a apresentação de obra fotográfica em sites de compartilhamento de fotografias. Para tanto, foi realizada uma abordagem do projeto *Caixa de Sapatos*, do coletivo Cia de Fotos, na página do site *Flickr*. Questões acerca de como as fotografias estão sendo expostas, quais alterações no sistema de arte contemporânea com as redes sociais de compartilhamento, e como os artistas se apropriam dessas redes para se relacionar com o público estão presentes no trabalho.

Palavras-chave: *Flickr*, Cia de Foto, compartilhamento de fotografias, internet.

1. Introdução

Esse trabalho visou fazer uma abordagem de novas formas de apresentação da obra de arte na contemporaneidade, tendo como enfoque o ciberespaço, através do site de compartilhamento de imagens *Flickr*. A partir deste, fez-se um estudo de caso da página do coletivo brasileiro Cia de Foto <www.flickr.com/photos/ciadefoto>; a análise questionou de que forma atua e modifica a obra sendo exposta a partir de um novo suporte – a internet, onde uma experiência visual estabelece-se a partir de redes sociais.

A escolha pelo coletivo se deu em virtude das fotos disponibilizadas no site, oriundas de um projeto intitulado Caixa de Sapatos. O nome dado ao projeto faz referência às caixas de sapatos nas quais são guardadas as fotos – como forma de arquivar aquelas tidas como boas recordações. Acredita-se que a referida página representou um exemplo interessante para a reflexão do tema em questão por três motivos. Em primeiro lugar, pelo projeto em curso e suas peculiaridades: o Caixa de Sapatos é um trabalho em progresso que não segue padrões estéticos fixos, sendo aberto para os membros do Cia de Foto postarem as fotos que lhes agradem. Segundo, pela apresentação da obra em si através da internet, em sites de compartilhamento de imagens, sendo essa página um caso que atingiu popularidade na internet. Por fim, pela idéia de produção aberta ao público, podendo interferir na mesma e possibilitando novos rearranjos e leituras das fotos – pois estão disponíveis para os usuários intervirem nas fotos de modo a criar novas imagens.

[1] Trabalho apresentado no DT 05 – Comunicação Multimídia do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de junho de 2011.
[2] Jornalista, doutorando em comunicação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do Grupo de Pesquisa em Interações, Tecnologias Digitais e Sociedade (GITS). E-mail: vitorbragamg@gmail.com

Realizamos uma análise da página <www.*Flickr*.com/photos/ciadefoto>, de modo a fornecer os subsídios para a reflexão proposta; e uma entrevista com o coletivo, na qual os integrantes do coletivo Cia de Foto puderam expor suas opiniões sobre a forma como os usuários percebem o trabalho deles no *Flickr*, além de uma reflexão sobre a apresentação de fotografias do coletivo na internet, no projeto *Caixa de Sapatos*.

A pesquisa trata do contexto em que a arte é apreciada, de forma a compor um quadro mais detalhado das possibilidades de interação que suscitam-se dessa nova forma de apresentação de fotografias. Se as fotografias, como defende Fatorelli (2007), "criam realidade ao tempo em que se instituem em referência a redes de relações culturais, sociais e institucionais mais complexas", a presente pesquisa tem sua função: investigar essas relações na era da cultura digital, que revelou formas diferenciadas de apresentação da obra, como no projeto em questão.

2. Ambiência digital: cenário para compartilhamento de fotografias

A arte ocupa espaços imagéticos possíveis para suas experimentações e sua veiculação. Nesse último, o ciberespaço se apropria de todas as linguagens pré-existentes: a fotografia, a narrativa textual, a enciclopédia, os quadrinhos, o teatro, o filme, a dança, a arquitetura etc. Nessa malha híbrida de linguagens, é possível estabelecer formas de sociabilidade do fazer artístico. Como acontece no *Flickr*, quando usuários estabelecem formas de compartilhamento, diferentes das tradicionalmente aceitas: o espaço físico das galerias de arte, museus e eventos como as bienais.

O estabelecimento dessa sociabilidade estará delimitado pelo modo como funciona o compartilhamento de interesses fotográficos na internet e das ferramentas e recursos disponíveis no *Flickr* para que tal compartilhamento ocorra. E esse cenário de interação é responsável por uma ordem simbólica específica que afeta a constituição do indivíduo como sujeito cultural e os laços sociais que estabelece com o artista, que expõe seu trabalho ao público nas redes sociais. Como aponta Machado (2007), a internet é o espaço onde a arte pode ser fruída por massas imensas e difíceis de caracterizar; muda assim de estatuto e alcance, reconfigurando possibilidades de inserção social.

A dificuldade de caracterização dessa nova parcela de fruidores da arte se dá pelo fato do meio internet ter um público cada vez mais segmentado, ao contrário do que se supunha em uma comunicação de massa – com seus modos de estandardização e repetição do conteúdo para uma audiência passiva.

Sendo assim, o enfoque dessa pesquisa (*Flickr*) é com relação a um uso da tecnologia das redes de computadores para difusão e apresentação das fotografias; como ferramenta que potencializa outras linguagens e cenários para as obras. A ambiência digital da internet aparece aqui como meio de comunicação, embora não se incorpore o mesmo na criação da obra.

2.1. A interface

Tendo em vista a discussão das ambiências digitais, há de se considerar a interface – aquilo que, segundo Poster (1995), está entre o humano e o maquínico dividindo e ao mesmo tempo conectando dois mundos interessados ou dependentes um do outro. É através dela que sente-se num ambiente imersivo na internet.

E a interface do *Flickr* mediará a navegação do usuário à galeria virtual. Essa apreciação da obra se dá por meio de uma linguagem diferente da que se convencionou observar a arte. Esse novo sistema é interativo e configurado por uma sintaxe não-linear interativa, tecidas de nós e conexões entre usuários e fotografias. Tal não-linearidade é fruto da estrutura de observação das páginas os usuários, em que se pode através de *links* passar por diversas partes de uma mesma página ou saindo para a de outros usuários. Tudo isto sem prejudicar a leitura de uma obra. Um trajeto não elimina os demais, apenas é o escolhido por determinado usuário naquele momento, entre uma infinidade de desdobramentos propostos.

Assim, na busca de criar procedimentos de interação entre o homem e a máquina, pode-se verificar que o papel do artista se altera. Pois no lugar de criar, exprimir ou transmitir conteúdos, ele se tornou mais implicado na concepção de contextos; contextos no seio dos quais, diz Venturelli (2004), se deixa ao usuário a condução da experiência e a construção dos sentidos – impedido assim de ditar regras de interação. A comunicação na internet é sempre dependente das palavras e das leituras de significados que as mesmas determinam no circuito de navegação.

Ainda, a ausência física suscita a problemática da participação do sujeito na observação da obra – que deverá ser diferente de quando se expõe em um espaço físico. Daí a importância de uma interface que esteja à altura dos anseios dos usuários – promotores de conteúdo e visitantes das páginas.

2.2. *Flickr*: dinâmicas e ferramentas

Os sites de compartilhamento de fotografias, de acordo com as idéias de Recuero (2003), podem representar redes sociais, de armazenamento e comunicação de dados, na medida em que cada página de usuário representa um indivíduo e a exposição de sua individualidade. Para os artistas, é condição fundamental que isso ocorra, e talvez seja essa a razão para que muitos estejam apresentando seus trabalhos também na rede ou simplesmente migraram para a internet – utilizando-a como único mecanismo de promoção de seus trabalhos. Desta forma, é identificado na página do coletivo e na interação dos usuários com a mesma um compartilhamento de interesses artísticos; pois essa parcela do público que utiliza o site *Flickr* quer discutir questões técnicas do fazer fotográfico – enquadramento, exposição da luz, abertura do diafragma – e qualificar seu repertório visual, a partir da visualização de trabalhos os quais julgam ser interessantes.

De acordo com Recuero (2009) muitos autores classificam o *Flickr* como um sistema de *photosharing*, ou seja, focado na publicação de fotografias, em um espaço de expressão pessoal e de construção de narrativas e emoções. O site proporciona o compartilhamento de experiências visuais, de forma dinâmica e aberta; é possível ter um *feedback* através de comentários e notas; marcação de fotos dos contatos afins – aparecendo, com isso, no álbum de cada usuário as favoritas dos amigos; inserção de *tags* de referência às fotos, para a busca das mesmas; participando de grupos de interesse comum, dentre outras interações. Isto permite novas maneiras de organizar as fotos e vídeos.

Segundo Lerman e Jones (2006), o *Flickr* representa um meio participativo, onde os usuários estão ativamente criando, apreciando e distribuindo informações. A lista de contatos que o usuário possui facilita novas formas de interagir com informações – em que eles podem navegar pelas fotografias criadas por pessoas escolhidas como sendo mais interessantes ou relevantes para eles. Essa navegação seria, de acordo com Lerman e Jones (2006), a explicação para que, apesar de o site possuir muitas formas de buscar fotografias, é através do contato entre os usuários que ocorrem a maior parte das interações – quantidade de comentários, visualizações, etc.

O enfoque maior no usuário nas pesquisas realizadas sobre o site em questão, dizem Cox e Marlow (2008), explica-se pelo fato de que, na maioria dos casos, foi identificado como a melhor forma de se explicar o nível de interação que cada fotografia pode exercer está ligado, em primeiro lugar, à rede social de contatos do usuário que posta a mesma – mais do que valores estéticos atribuídos por um determinado grupo ou pessoa.

3. Fotografia em redes na internet

A multiplicação da problemática dos modos de produção e dos seus suportes de expressão, introduzidos por tecnologias que foram surgindo, impede uma visão da linguagem na forma tradicional de sua produção e expressão. Em virtude disto, Machado (2007, p.69) defende que ao invés de pensar os meios individualmente, "o que começa a interessar agora são as passagens que se operam entre a fotografia, o cinema, o vídeo e as mídias digitais". Pois essas passagens permitiriam compreender melhor tensões e ambigüidades que se operam hoje entre: (1) o movimento e a imobilidade, (2) entre o analógico e o digital, (3) o figurativo e o abstrato, (4) o atual e o virtual.

Como se percebe, estes são temas que interessam a essa presente pesquisa. No primeiro, quando a obra não está presa apenas a um lugar, podendo estar presente em vários pontos da rede, simultaneamente; uma foto no *Flickr* pode, com isso, ter um alcance sem a necessidade do local (espaço) e o impedimento em virtude do tempo. No segundo, quando observam-se as possibilidades de apresentação de uma obra fotográfica agora digital, em que o processo físico-químico é substituído pelo registro em bits, o que facilita propagar na internet. No terceiro quesito, quando compreende-se uma fronteira não mais tão clara entre o que seria figurativo ou abstrato na produção fotográfica, em que as fotos, ao explorar os recursos de sua câmera e de edição, tanto podem ter um viés figurativo ou abstrato no resultado final. Por fim, discute-se o atual e o virtual ao pensar na fotografia apresentada nas redes sociais de compartilhamento de imagens na internet e na própria imagem a um nível virtual – que, segundo Lévy (1996), se dá como potência do atual, algo possível de ser.

Para Machado (2007, p. 69), pensar nesses pontos supracitados "não se trata apenas de uma estratégia para compreender as novas imagens; essa é a maneira como a indústria cultural inteira agora funciona". Na rede, onde um trabalho de arte pode ser infinitamente reproduzível, essas características desaparecem. Tal análise é aplicada nas tecnologias contemporâneas com o passar do tempo, nas obras criadas e sociabilizadas pelos meios de comunicação de informações – chegando até a fase atual, com a popularização da internet e, consequentemente, as redes sociais de compartilhamento.

3.1. Arte híbrida

Segundo Machado (2007, p. 73) o computador carrega uma característica contraditória ao aparecer como uma mídia única, sintetizadora de todas as demais, e, ao

mesmo tempo, um híbrido, "onde cada um dos meios (texto, foto, vídeo, gráfico, música) pode ser tratado e experimentado separadamente". Do interesse de artistas em relação à ciência da computação, surgiu nos anos 1960 a arte computacional, cuja poética se alinha com as invenções e as descobertas da ciência e da tecnologia do século passado. Ao aplicar na arte as teorias da informação, Venturelli (2004) diz que pensadores como Umberto Eco estavam manifestando argumentos em favor de um tipo de arte que considerasse os novos meios de comunicação e a sociedade da informação.

Seria, para Santaella (2003), uma arte híbrida, fruto da convergência das mídias que é proporcionada pela cultura digital – um conceito que passa a fazer parte das discussões atuais quanto a hibridização proporcionada pelos meios de comunicação na contemporaneidade, principalmente com o computador. A autora identifica muitas razões para esse fenômeno da hibridização, entre os quais: as misturas de materiais, suportes e meios, disponíveis aos artistas e propiciadas pela sobreposição crescente e sincronização conseqüente das culturas artesanal, industrial-mecânica, industrial-eletrônica e teleinformática. Desta forma, há uma classificação de híbrido como significando linguagens e meios que se misturam, compondo um todo mesclado e interconectado de sistemas de signos que se juntam para formar uma sintaxe integrada.

Ainda segundo Santaella (op. cit., p. 135 e 136), seriam três as formas de hibridização ocorridas no campo da arte,

> Primeiro: as misturas no âmbito interno das imagens, interinfluências, acasalamentos, passagens entre as imagens artesanais, as fotográficas, incluindo cinema e vídeo, e as infográficas. Segundo: as paisagens sígnicas das instalações e ambientes que colocam em justaposição objetos, imagens artesanais bi e tridimensionais, fotos, filmes, vídeos, imagens infográficas e ciberambientes numa arquitetura capaz de instaurar novas ordens de sensibilidade. Terceiro: as misturas de meios tecnológicos presididos pela informática e teleinformática que, graças à convergência das mídias, transformou as hibridizações das mais diversas ordens em princípio constitutivo daquilo que vem sendo chamado de ciberarte.

Desta forma, esse presente trabalho estaria correlacionando o *Flickr* – por conseguinte, a página do Cia da Foto – com a primeira forma, quando o site utiliza da fotografia como forma agregadora na web, capaz de criar sociabilidade através da apreciação estética e do compartilhamento de repertórios visuais dos usuários.

Já Cauquelin (2005), para melhor explicar o diálogo entre arte e tecnologia no chamado hibridismo digital, dividiu a relação em duas possibilidades. Na primeira, as novas tecnologias seriam suporte de divulgação. Na segunda, a utilização de ambientes

digitais para a própria construção do objeto artístico. Então, o presente trabalho procura lidar com a primeira possibilidade, em que teve enorme crescimento com a internet; principalmente com o surgimento de aparelhos com possibilidade de registro de imagens – telefones celulares, *palmtops* etc.

Nesse contexto, as câmeras digitais são amplamente utilizadas na produção de conteúdo destas páginas. Agregando valor ao processo, softwares de edição, como *Photoshop* e *Photopaint*, permitem que as fotos alcancem uma plástica única, muitas vezes inatingível pelo suporte analógico. A fotografia digital, segundo Salomão Terra (2007), pode ser pensada como um caso em que a posterior edição faz parte do processo. Pois é comum fotografar e utilizar de recursos de iluminação, contraste, efeitos, lentes e filtros, dentre outros, encontrados no suporte digital. Para Machado (2005, p. 315), isto seria uma imagem fotográfica diferente da convencional – realizada por filmes em película – por caracterizar-se como "mais elástica, diluível e manipulável como uma massa de moldar"; por isso, questionadora do mito da objetividade e da veracidade da imagem fotográfica, que, ainda segundo Machado (*op. cit.*), combate a sua manipulação, pregando a rigidez e a resistência ao mito da objetividade e da veracidade – ser sempre a cópia mais fiel possível do real, negando a imagem como construção e discurso visual.

Popper (1993) diz que essa busca por interatividade, cujos artistas que utilizavam o computador na década de 1960 faziam, se dava a partir de duas tendências: aquela marcada pelo interesse dos artistas pelos processos de criação mais do que pelo produto, que posteriormente converge para o conceito de simulação, e a tendência que buscava a participação do espectador na obra de arte, que posteriormente se transforma na interação – participação do espectador na fruição. Dessa forma, os equipamentos computacionais têm papel importante em todo dispositivo interativo, e, nesse caso, o artista leva em consideração a especificidade da interface homem/máquina que permitirá a troca de informações, o tipo de interação que pode ser realizada. Como em um site de compartilhamento de fotografias, onde é possível a interação através dos recursos disponíveis pelo mesmo.

3.2. Arte e comunicação

As mudanças no fazer fotográfico foram, para Venturelli (2004), causadas pela velocidade dos meios de transporte, pelo fenômeno da globalização político-social e pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação e, principalmente, com o

surgimento do espaço cibernético, que marca a prioridade do tempo sobre o espaço: a fronteira do espaço físico em segundo plano, já que o ciberespaço possibilita a comunicação com as fronteiras do tempo e espaço diluídas.

Esta possibilidade oferecida pela internet – através de sites de compartilhamento como o *Flickr* – de comunicação entre os próprios artistas ou entre artistas e público possibilita algo mais direto, pois o artista sempre estará visitando a "galeria" para observar de que forma os usuários interagiram com as fotografias – quais as mais comentadas, as mais visitadas, as mais indicadas. É também uma forma de comunicação – uma arte *telecomunicacional*. Esta seria definida por Ascott (2003) como toda a produção artística que faz uso das tecnologias telecomunicacionais para se expressar: por fios, ondas sonoras, meios ópticos ou qualquer outro processo eletromagnético. De acordo com Prado (1997), o gérmen da arte telecomunicacional pode ser encontrado na arte postal, na medida em que esta propunha o intercâmbio de trabalhos através de uma rede transnacional e livre e paralela ao mercado oficial da arte. À medida que a rede de arte postal crescia, grupos publicavam listas de endereços para interessados em trocar trabalhos e idéias.

Venturelli (2004) conta que como a maioria dos trabalhos estavam relacionados com a arte conceitual e a *performance*, cujos resultados eram fotografados, muitas correspondências constituíam-se dessas imagens fotográficas. Segundo Arantes (2005), as décadas seguintes foram marcadas por uma forte experimentação com os meios tecnológicos e comunicacionais que, com o decorrer do tempo, iam surgindo e se apresentando aos artistas como possibilidade de criação e difusão.

Portanto, já existia uma arte que fazia uso de redes sociais antes da internet; porém, são percebidas aqui duas diferenças: a amplitude da rede social e a possibilidade de englobar novos fruidores; pois na internet a possibilidade de comunicação se amplia e o pólo emissor (artista) pode se comunicar de um ponto a diversos de uma rede sem ao menos endereçar a alguém especificamente – basta estar no ciberespaço, com seu trabalho divulgado em qualquer página da web. Ampliou-se a capacidade de transmissão de informações, abrindo novo espaço para a arte. Tal espaço, diz Venturelli (2004), tornou-se um lugar importante de aproximação e socialização da arte e do público, sem intermediação de instituições artísticas, tais como os museus, as galerias de artes e eventos como as bienais.

Para artistas contemporâneos, o advento de meios eletrônicos permitiu a comunicação instantânea, a ubiqüidade, a troca e interação em suportes imateriais; se

constituiu em uma munição de inestimável valor para suas aspirações de criação de obras intercambiantes e mutantes, abertas na direção de uma cultura planetária, através da internet. Assim, percebe-se que, como aponta Venturelli (2004, p. 89), a relação estabelecida entre a arte e o espaço comunicacional, principalmente longe dos habituais espaços de exposição artísticos, é uma recente morada dos trabalhos artísticos.

4. O Cia de Foto e o *Flickr*

O Cia de Foto surgiu em 2003; coordenado por Flavia Padrão, tem na sua equipe os fotógrafos Rafael Jacinto, Pio Figueiroa e João Kehl e a editora de fotografias Carol Lopes. Segundo a descrição no site oficial[3], é um *bureau* de fotografias. Presta serviços para jornais, revistas, agências de publicidade e empresas. Porém, os integrantes dizem que nunca deixaram de manter trabalhos do ponto de vista mais autorais. Como percebemos na página do *Flickr*, que funciona como projeto paralelo da empresa.

Essa página surgiu em 2008, e trata-se de um projeto intitulado *Caixa de Sapato*, fazendo uma alusão direta às caixas de sapatos onde são guardadas as fotografias – "onde guardamos lembranças e história", disseram em entrevista ao blog *Olha, vê*. Ainda, em entrevista para essa pesquisa, tratam da página do *Flickr* como uma produção sistemática da intimidade do Cia de Foto. "É comum ter uma coleção de fotos numa caixa de sapato. Um lugar que guarda uma relação muito íntima com a fotografia. Aqui na Cia a caixa de sapato é virtual", disse Figueiroa. No blog do coletivo, há mais detalhes sobre o ensaio realizado no *Flickr*: "Estamos construindo uma Caixa de Sapato para nossa fantasia. Um objeto que relate nossa imaginação".

Em entrevista concedida ao blog *Olha, vê*, todos os membros do Cia de Foto definiram o ensaio como estrutural. "É dele que sai nossas pesquisas. E é a figuração de como nos relacionamos com a fotografia. Termina sendo um trabalho que é, de certa forma, um evento em nossas vidas". Nessa mesma entrevista, os membros do Cia de Foto definiram ainda a idéia da caixa de sapato ao dizer que:

> Não importa o fotógrafo, mas sim o momento. E principalmente quem abre essa caixa. No exato instante da apreciação. No momento em que vagamos em toda história que uma imagem nos faz contar. As caixas de sapato são um veículo de organização coletiva. Abrir a nossa para usos criativos de outras pessoas tem sido uma parte bem instigante.

[3] <www.ciadefoto.com.br>

Tratam-se de fotos que podem ser baixadas para uso próprio dos usuários, pois estão registradas sobre licença *Creative Commons*[4] – sendo permitido copiar, distribuir, exibir e executar a obra, como criar obras derivadas a partir da apropriação. Para tanto, há alguns parâmetros: deve-se dar crédito ao autor, da forma especificada pelo autor ou licenciante; não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais; e, caso ocorra, o compartilhamento da obra criada baseada nas fotos é pela mesma licença – ou seja, se alguém alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta. Tudo o que eles solicitam aos interessados pelo uso pessoal é que se deixe um recado dizendo no que exatamente pretende fazer com as fotos do *Flickr*.

Como ocorrido com a artista Elisa Randow, que fotografou as fotos da página do Cia de Foto e criou mosaicos. Resultaram assim em outras imagens. Partes dos corpos das fotografias na página do *Flickr* re-fotografados sob uma textura de tela de computador (ver Figura 1).

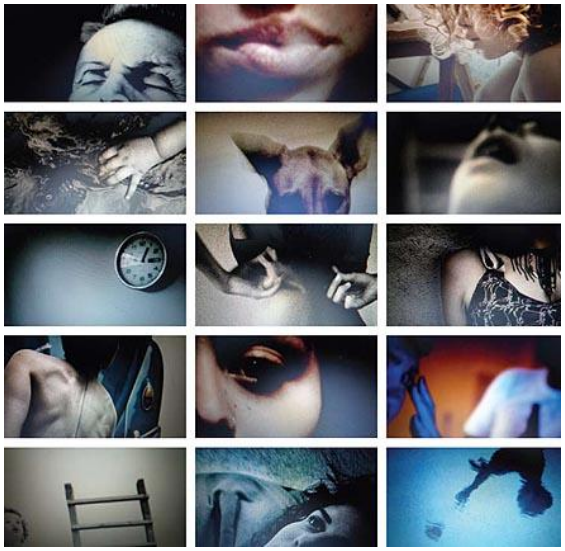

Figura 1: Mosaico de Elisa Randow, a partir de fotografias do Cia de Foto extraídas da página do *Flickr* deles.

Dessa forma, artistas podem fazer uso da Caixa de Sapatos e a fim de produzir uma arte em que investigações poéticas se apropriam de recursos tecnológicos das mídias e da indústria cultural. No caso do coletivo, intervém nos canais de difusão, propondo alternativas estéticas no compartilhamento de uma produção artística, sem que ao menos haja um diálogo entre o coletivo e os interessados em manipular as fotografias do site; a escolha fica aberta, sem direcionamentos de uso pré-estabelecidos por quem expõe as fotografias no *Flickr*.

[4] Denomina um conjunto de licenças padronizadas para gestão aberta, livre e compartilhada de conteúdos e informação (textos, músicas, imagens, filmes e outros). O licenciamento oferecido fica a critério do licenciante.

Em reportagem para o site Garapa, Leo Caobelli disse, a respeito da possibilidade dos usuários acessarem o *Flickr* e baixarem as fotos para fins não especificados, que foi explorando esses diversos caminhos que a Cia chegou à internet, "abrindo mão do velho mantra fotográfico da cópia em papel, e se mostrando em pêlo no *Flickr*, inserindo-se assim em discussões sobre *Creative Commons* e *copyright*".

Pode-se valer, do conceito de arte híbrida, ao tratar essa apresentação da obra fotográfica em convergência com outra mídia – computador –, ocorrida em virtude da hibridização dos meios na contemporaneidade; o computador passa assim a ter a função de abrigar fotografias e, ao mesmo tempo, servir como canal para todas essas interações supracitadas. Além de perceber as hibridizações ocorridas com o uso de artistas, como em Elisa Randow, para gerar novos significados para as fotografias da Caixa de Sapatos, em uma lógica de produção coletiva – do coletivo com aqueles que criam novas obras a partir das fotografias do *Flickr*.

As fotos passam por tratamento então esse fluxo segue um ritmo onde todos da Cia de Foto participam, conta Figueiroa em entrevista para essa pesquisa. A interface escolhida é com as fotos em menor tamanho, sem álbuns de fotos. O fato de não haver álbuns decorre da idéia destas pertencerem a um ensaio único. Mas isso não quer dizer que, por isto, as fotos tenham relações de temas e/ou técnicas utilizadas. Não há um recorte no enfoque dado e na forma como são produzidas as fotos na página do *Flickr*.

Observa-se também que essas fotos são trabalhadas em *softwares* de edição[5], buscando fazer ajustes de luz e sombra, e criar uma espécie de marca característica do Coletivo nas fotografias – como pode ser percebido no tom da cor e no contraste dessas fotos (ver Figura 2).

Figura 21: Fotos do Cia de Foto, nas quais são feitas e editadas a partir de temáticas e técnicas diferentes de saturação de cores, enquadramentos, uso de personagens, uso de luz e sombra, dentre outras não semelhanças.

[5] Figueiroa respondeu, em entrevista concedida para essa pesquisa, que o software *Photoshop* era o utilizado para o tratamento e edição digital das fotografias.

Percebe-se que as fotos estão dispostas sem título em uma sequência numerada, revelando que, além de não haver uma preocupação do Coletivo em titular as fotos, as mesmas se apresentam em ordem numérica que sugere uma seqüencialidade e linearidade na apresentação. Como também sugere tratar-se de uma exposição permanente, que está em constante crescimento (atualização), sem dar a idéia de que esta terá um fim planejado. O que, de fato, é a intenção do *Caixa de Sapato*.

Outra observação levantada pela seqüência numérica das fotos expostas no *Flickr* do Cia de Foto é com relação a idéia de conjunto fechado: a obra apresentada, até o momento, só teve um começo, com a foto número *0001*, de forma que as próximas fotos a serem postadas pertencerão a essa mesma "série". Esta sugestão aqui apresentada se reforça quando observa-se que, na descrição das fotos, não há referência a algum projeto ou exposição em específico – como se fizessem parte de uma mesma obra, que está em constante elaboração. Essa exposição estará em constante processo de mutação, com a adição de novas fotografias para o conjunto já disposto, reconfigurando a apresentação da obra como um todo. Figueiroa responde que o coletivo geralmente não dá títulos as fotos. Portanto, a numeração, ainda que reflita uma "imparcialidade" na titulação das fotografias do ensaio, dá a idéia de algo em construção, em que a cada novo elemento inserido transmutará todo o espaço já presente.

Chegando a essas caracterizações, poderia-se dizer que as fotos do *Flickr* são um *work in progress*? Pio Figueiroa diz que o *Caixa de Sapato* é um trabalho, sim, em eterno desenvolvimento. "Ele vem sendo usado, editado e todo dia ganha uma imagem nova. Foi exposto impresso ou eletronicamente e já participou de festivais em diferentes países". A idéia é publicar fotos que estão mais em dia com a pesquisa deles, e que nas quais são decididas através do diálogo no coletivo.

A página consegue conciliar o circuito da arte ao ambiente das mídias e das tecnologias informacionais: uma obra fotográfica em um site de compartilhamento de fotografias. Assim, percebe-se como uma arte telecomunicacional, que se dá através da rede social *Flickr*, pode estar presente no projeto de desenvolvimento artístico de um coletivo, no sentido de tê-lo como forma de dar vazão a uma produção diária, que representa a forma como eles fazem uso do cenário urbano, no qual estão inseridos.

4.2. Cia de Foto no *Flickr*

Sobre a forma como os membros do coletivo percebem a produção de sentido que vêm fazendo com a página <www.flickr.com/photos/ciadefoto/>, Figueiroa valoriza

essa receptividade: ele acha importante para compreender como é percebido o *Caixa de Sapatos*. Pois os comentários feitos servem como um "termômetro" para avaliarem como a produção do coletivo está sendo avaliada e entendida por usuários interessados em fotografia, sem necessariamente serem críticos ou pessoas ligadas, profissionalmente, ao campo das artes visuais – curadores, produtores, artistas etc.

Ele também acredita ser uma tendência, na contemporaneidade, utilizar sites de compartilhamentos de imagens para difusão e apresentação de obra. Porém, não acredita na utilização destes em detrimento, ou substituição, de espaços tradicionais de difusão e apresentação – como as galerias, os museus e eventos como feiras e bienais de arte. "Só é um espaço a mais criado. E um espaço bem poderoso".

Percebe-se, como diz Bulhões (2007), certo afastamento entre os circuitos tradicionais de museus e galerias e a arte em rede Web. Um dos fatores que influenciam neste afastamento é o fato de que essa nova modalidade da fotografia, ao se apresentar na internet e aberta para os usuários fazerem uso em suas criações, rompe com conceitos básicos da estética tradicional, questionando bases do sistema de pensamento que responde pela legitimação e reconhecimento artístico em vigor nesses circuitos.

Assim, o *Flickr* se apresenta, para o Cia de Foto, como uma rede de compartilhamento de fotografias fundamental para a exposição da caixa de sapatos, pois é uma forma de terem um *feedback* maior; abre a possibilidade de apropriações, por parte do público, gerando novas obras, re-significando as fotografias expostas; contribui para a fixação, no campo da arte, de novos espaços para apresentação de uma obra. Apresenta-se, portanto, a página do Cia de Foto como uma rede horizontal, onde cada usuário é independente para seguir seus trajetos e fazer suas escolhas.

5. Conclusão

A promoção de arte na *web* tem ampliado a experimentação para assumir a interação e a vivência em um tempo dinâmico, estabelecendo novos padrões na estética tradicional. Por meio das redes ocorrem as trocas – o compartilhamento de fotografias; a arte circula e os computadores, enquanto meios de comunicação, ganham dimensões artísticas. O artista, então, se coloca a favor de uma criação distribuída, compartilhada por outros usuários. Nesse ponto, o Coletivo Cia de Foto busca se firmar com um público mais amplo inserindo seus trabalhos na internet, através dos sites de redes sociais – fazendo com isso parte de um grupo de artistas contemporâneos que entendem

estas como ferramentas importantes de comunicação, de aproximação da obra fotográfica com um público muito mais amplo do que nas galerias e museus.

O ciberespaço como ambiente colaborativo e propício a uma comunicação entre artistas e público, é o ponto central dessa apresentação de uma obra fotográfica aberta a todas as interações possíveis. Pela pesquisa realizada, percebe-se um interesse grande do Coletivo de compartilhar seu trabalho na rede. Daí o investimento no Caixa de Sapatos, uma produção sistemática onde o instante mais corriqueiro, o mais ordinário, tem uma marca fotográfica. Essa estratégia de inserção no *Flickr* auxiliará na construção da identidade do coletivo, como também a interação com o público. Ainda, as fotos poderem ser utilizadas para outros fins por parte do público cria uma arte híbrida, passível de ser criada de inúmeras formas, a depender do interesse que os usuários/artistas farão das mesmas.

As caixas de sapato estão agora no computador, a mesa de luz para visualização é agora um slide-show em flash, e a crítica está agora nos comentários da página. A fotografia se inseriu na internet e as redes são percebidas pelos usuários como uma ferramenta para compartilhamento de fotografias, fortalecimento das relações, troca de experiência e aperfeiçoamento técnico e de linguagem, para amadores e profissionais. E o Cia de Foto sabe muito bem explorar isto.

Referências

ARANTES, Priscila. **Arte e mídia no Brasil**: Perspectivas da estética digital. In: Ars, Ano 3, Número 6. São Paulo: Edusp, 2005.

ASCOTT, Roy. **Telematic Embrace**: Visionary Theories of Art, Technology and Consciouness. Berkeley: University of California Press, 2003.

BULHÕES, Maria Amélia. Arte em rede web e processos estéticos híbridos. In: **Anais do 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas**, Florianópolis: setembro de 2007.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea**: Uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Cia de Foto – Site oficial. Disponível em: <http://www.ciadefoto.com.br/>. Acesso em maio de 2011.

COX, A. M. & MARLOW, J. *Flickr*: a first look at user behaviour in the context of photography as serious leisure. In: **Information Research**. Volume 13, nº 1, março de 2008.

Elisa V. Randow. Disponível em: <http://www.elisavonrandow.com/>. Acesso em maio de 2011.

FATORELLI, Antonio. **Passagens da Fotografia**. Disponível em: http://www.cursos.ead.senac.br/moodle18/mod/resource/view.php?id=10015. Acesso em maio de 2011.

Garapa. Disponível em: <http://www.garapa.org/2008/10/alcoolicas-cia-de-foto/>. Acesso em maio de 2011.

LERMAN, Kristina; JONES, Laurie. **Social Browsing on *Flickr***. 2006. Disponível em: <http://www.icwsm.org/papers/3--Lerman-Jones.pdf>. Acesso em agosto de 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Rio de Janeiro: 34, 1996.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. A Fotografia sob o Impacto da Eletrônica. In: SAMAIN, Etienne (org). **O Fotográfico**. São Pulo: Hucitec e Senac, 2005.

Olha, vê - Blog. Disponível em: <http://www.olhave.com.br/blog/>. Acesso em maio de 2011.

POPPER, Frank. **Art of the eletronic age**. London: Thames & Hudson, 1993.

POSTER, Mark. **The second media age**. Cambridge: Polity Press, 1995.

PRADO, Gilberto. Cronologia de experiências artísticas nas redes de telecomunicações. In: **Trilhas 6**, 1997, vol. 1.

RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. Trabalho apresentado no **VII Seminário Internacional de Comunicação**. Porto Alegre: PUC/RS, 2003.

_____. Adicionar um comentário: mecanismos de conversação em weblgos e fotologs brasileiros. In: **RBLA**, Volume 9, Número 1, p. 151-175. Belo Horizonte: 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-Humano**: Da Cultura das Mídias à Cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

TERRA, Salomão. **Quando a arte encontra a tecnologia**. Disponível em: http://webinsider.uol.com.br/index.php/2007/05/22/quando-a-arte-encontra-a-tecnologia/ . Acesso em maio de 2011.

VENTURELLI, Suzete. **Arte**: Espaço_tempo_imagem. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.